

Imagens da população em situação de rua: A teologia pública na construção da cidadania

*Virgínia Macêdo de Souza Silva¹
Eunice Simões Lins Gomes²*

RESUMO

Nosso objetivo é abordar a Teologia Pública numa perspectiva da construção da cidadania com a População em Situação de Rua em João Pessoa/PB. Tendo em vista a sociedade vigente ser plural, globalizada e secularizada, consideramos o papel da teologia na esfera pública para interagir com outros setores da sociedade visando romper as barreiras confessionais para contribuir com a justiça social e os direitos humanos. A pesquisa é descritiva e de campo; o instrumento foi a história de vida dos sujeitos e a análise das imagens e do discurso fundamentada na Teoria Geral do Imaginário de G. Durand.

PALAVRAS-CHAVE

Imaginário. População em Situação de Rua. Teologia Pública.

ABSTRACT

We approach Public Theology from a perspective of citizenship construction in its relationship with Homeless People in João Pessoa/PB. Considering that the current society is pluralistic, globalized and se-

¹ Virgínia Macedo de Souza Silva – Mestranda em Ciências das Religiões – UFPB.

² Eunice Simões Lins Gomes- Pós-Doutora em Ciências das Religiões, professora da UFPB. Grupo de Estudo e Pesquisa em Antropologia do Imaginário – GEPAI- <http://www.gepai.com.br>

cularized, we take into account the role of theology in the public sphere in order to interact with other sectors of society aiming at overcoming confessional barriers and contributing to social justice and Human Rights. The research is descriptive and based on field observation; the tool is the individuals' life story and the analysis of the images and speech based on G. Durand's general theory of the imaginary.

KEYWORDS

Imaginary. Homeless People. PublicTheology

Introdução

O presente estudo procura uma confluência entre a Teologia Pública e o Imaginário proposto por G. Durand³. A Teologia Pública porque pretende “engajar-se numa discussão que tenha como pauta a ética social, a justiça social, os direitos humanos, a democracia, [...]” informa-nos Gonçalves⁴. O imaginário durandiano porque defende que “a função da imaginação consiste em equilibrar biológica, psíquica e sociologicamente quer os indivíduos, que as sociedades face à civilização tecnocrática e iconoclasta”⁵.

Esses dois ramos da ciência apesar de premissas distintas, buscam, mesmo por caminhos diferentes, o equilíbrio humano. O simbolismo social, de um lado, tem sua importância, pois “a vida social em todos os seus aspectos e em todos os momentos da sua história, só é possível graças ao vasto simbolismo”, afirma o sociólogo Durkheim⁶. Por outro,

³ DURAND, G. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

⁴ GONÇALVES, Alonso. **Teologia Pública: entre a construção e a possibilidade prática de um discurso**. **Ciberteologia – Revista de Teologia & Cultura**. Ano VIII, nº 38, 2011, pp. 63-76.

⁵ ARAÚJO, Alberto Filipe, TEIXEIRA, Maria Cecília Sanches. **Durand e a pedagogia do imaginário**. *Letras de Hoje – Porto Alegre*, v.44, nº 4, p.7-13, out./dez. 2009, pp. 8-9.

⁶ DURKHEIM, Émile. **As formas elementares de vida religiosa**. 3.ed. São Paulo: Paulus, 2008, p.288.

considerando o papel da Teologia na esfera pública para interagir com outros setores da sociedade com o intuito de romper as barreiras confessionais, a Teologia Pública intenta contribuir com a justiça social e os direitos humanos⁷.

Assim, realizado junto ao público em situação de rua, o estudo propõe desenvolver uma hermenêutica simbólica das imagens cognitivas produzidas por estes sujeitos através do seu discurso com o objetivo de compreender qual o papel da igreja na construção da cidadania desse agrupamento social. O sujeito da pesquisa encontra-se na Casa de Acolhida, em João Pessoa/PB, administrada pela Prefeitura da Capital.

O objetivo da Casa é acolher moradores de rua para dar-lhes assistência biopsicossocial, pois a Casa funciona como lugar transitório onde esses sujeitos recebem materiais para atender as suas necessidades básicas; ajuda psicológica, encaminhamento para tratamento da saúde, como também capacitação para o trabalho com vistas a sua reinserção na sociedade.

Contudo, todos esses objetivos somente estão tendo um alcance de 80% mesmo com o apoio filantrópico de grupos religiosos e voluntários. A casa acolhe quarenta pessoas, mas para o nosso artigo destacamos a história de vida de apenas um sujeito. Entendendo a importância da Teologia Pública na promoção da cidadania e a contribuição da igreja à Casa de Acolhida, instigou-nos a seguinte questão: qual a contribuição que a igreja tem oferecido no espaço público visando à cidadania da população em situação de rua?

Para encontrar uma resposta que viabilize a nossa indagação, optamos pela via antropológica defendida por G. Durand⁸ em sua Teoria Geral do Imaginário (TGI) em confluência com a Teologia Pública porque ambas se preocupam com a trajetória do homem; a primeira visando confirmar o homem como produtor de símbolos que mediam a dura realidade do tempo “linear” e da morte, e a segunda objetivando inserir-se na sociedade, na academia e na igreja com fins específicos para cada

⁷ GONÇALVES, Alonso. **Teologia Pública**, p.63-76.

⁸ DURAND, G. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**, p. 265.

uma dessas instituições. Conforme Von Sinner⁹, “o pluralismo, o respeito por outras opiniões e a negociação são elementos essenciais para uma sociedade democrática e seu discurso público”.

Buscando essa confluência, o nosso estudo foi organizado em três partes. A primeira tratou de levar ao conhecimento do leitor uma breve compreensão da origem do fenômeno população em situação de rua, e uma abordagem da Teoria do Imaginário, proposta por G. Durand¹⁰, ao mesmo tempo em que as imagens coletadas pelo instrumento da pesquisa foram sendo interpretadas a partir das imagens produzidas pelo homem em seu *trajeto antropológico*, considerado por Durand “a incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social”.

A segunda parte do estudo aborda o termo Teologia Pública, visando inserir o leitor na discussão deste termo, cujo estudo é ainda incipiente na nossa sociedade e no meio acadêmico brasileiro. Na terceira parte do estudo procuramos desvelar as imagens do discurso dos sujeitos pesquisados a fim de compreender a contribuição que as igrejas têm oferecido no espaço público, sendo esta uma das reflexões pretendidas pela Teologia Pública.

Os sujeitos “objeto” da pesquisa foram sujeitos em situação de rua, contudo aqueles acolhidos pela Prefeitura à Casa de Acolhida, por entender que a permanência na casa facilitaria o processo da pesquisa, uma vez que aqueles sujeitos que se agrupam em logradouros públicos são nômades, o que dificultaria a aplicação das técnicas de pesquisa.

A técnica de pesquisa aplicada para coleta de dados foi a História de Vida, um método introduzido pela Escola de Chicago que visa trabalhar “os trajetos pessoais no contexto das relações pessoais” explica Chizzotti¹¹. Portanto, esta técnica é cabível já que a pesquisa recorre ao método qualitativo.

⁹ VON SINNER, Rudolf. **Teologia Pública**. Teologia Pública: reflexões sobre uma área de conhecimento e sua cidadania acadêmica. São Paulo: Paulinas, 2011, pp. 264-276. (Religião na Universidade).

¹⁰ DURAND, G. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**, p.41.

¹¹ CHIZZOTTI, Antônio. **A Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991, p. 96. (Biblioteca da educação. Série 1. Escola;v. 16)

Esse método foi escolhido para desenvolver esta pesquisa porque promove a participação de todas as pessoas envolvidas no processo, as quais “elaboram conhecimentos e produzem práticas adequadas para intervir nos problemas que identificam”. Segundo nos informa Chizzotti¹², o pesquisador, neste método, tem uma importância singular, pois interpreta e atribui significado ao fenômeno pesquisado.

Vale ressaltar o papel da religião no contexto atual brasileiro, cuja pluralidade religiosa implica uma tomada de posição dos teólogos, da igreja, do meio acadêmico e da sociedade como um todo no sentido de respeitar as opiniões diferentes com relação ao fenômeno religioso na busca pela tolerância religiosa. Finalmente, convidamos você, interlocutor deste texto, a interagir conosco nesta discussão, pois, conforme acredita Von Sinner, “sem dúvida alguma, a religião não abandonou a esfera pública, embora tenha perdido a influência que costumava ter em séculos passados [...]”.

O imaginário: elemento constitutivo do comportamento humano

Para refletimos sobre o fenômeno ‘População em Situação de Rua’ faremos uma breve abordagem histórica, que nos remete aos possíveis motivos de pessoas irem morar na rua. Esse fenômeno reporta-nos ao século XV quando teve início, na Europa, a construção de um novo sistema econômico, o capitalismo. Recordamos sobre a grande dificuldade da mão-de-obra para exercer diversas atividades exigidas pela industrialização crescente o que em certa medida obrigou um êxodo rural, já que as normas impostas pelo capitalismo impediram os produtores rurais de continuar suas atividades agrícolas. Por outro lado, provocando a urbanização, e como nem todos foram qualificados para o novo trabalho, boa parte da população entrou na situação de pobreza extrema, o pauperismo, onde se inseriu a população em situação de rua.

¹² CHIZZOTTI, Antônio. **A Pesquisa em ciências humanas e sociais**, p. 83.

Embora este traçado histórico sobre a temática seja bem conciso, lembramos que nesse ínterim de tantas mudanças, o capitalismo entrou em crise, sofrendo um impacto mais marcante entre os anos de 1873 e 1879, devido às especulações exageradas, sobretudo na Alemanha. De certo modo, foi a luta pela matéria prima e pelo mercado, principais necessidades do capitalismo, que provocou a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), ampliando ainda mais a crise nesta ordem econômica.

Após a segunda Guerra Mundial, foi organizada uma Nova Ordem Econômica Internacional visando à superação da crise do capitalismo, que teve seu ápice entre os anos 1980 e 1990. Para enfrentar esta crise houve uma “nova redivisão do mundo” sob o controle dos grandes monopólios e de seus Estados imperialistas; e para superá-la implantou-se então o neoliberalismo:

O neoliberalismo nasceu após a 2ª guerra mundial e foi consolidado a partir dos anos 1970, e teve alcance mundial em 1979, na Inglaterra com a vitória de Margaret Thatcher; nos anos 1980, com a chegada de Ronald Reagan à presidência dos Estados Unidos e, em 1982, quando Helmut Kohl assume o poder na Alemanha. Inglaterra, Estados Unidos e Alemanha colocaram em prática as ideias neoliberais e a “nova ordem mundial”¹³.

Essa Nova ordem Mundial foi imposta aos países latino-americanos, tendo como um de seus instrumentos o Consenso de Washington. No Brasil, esse consenso foi aplicado com todo rigor no governo de Fernando Henrique Cardoso (1995-2003) período em que a pobreza atingiu seu ápice, estando a população em situação de rua inserida nesse contexto de pobreza extrema.

Embora inserida nesse contexto de pobreza extrema, a população em situação de rua cria suas imagens, que são organizadas pelo imaginário. Teixeira e Araújo¹⁴, citando Durand, sociólogo e antropólogo

¹³ RIBEIRO MACIEL, Maria Helena. Ajuste Neoliberal e Exclusão Social no Brasil. **Exclusão, inclusão e diversidade**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.

¹⁴ TEIXEIRA, Maria Cecília S.; ARAÚJO, Alberto F. **Gilbert Durand: imaginário e educação**. Niterói: Intertexto, 2011.

francês, dizem que a imaginação é a faculdade de perceber, distinguir, dinamizar, articular, criar, reproduzir e memorizar as imagens dos objetos do mundo concreto. O imaginário seria então uma espécie de “museu” onde as imagens seriam organizadas. Ao citar Durand, eles também afirmam que, ao construir sua teoria do imaginário, ele objetivava “explicitar qual a função e a importância do imaginário e da imaginação nas histórias e nas vidas humanas, que, segundo ele, são tecidas com os fios da razão e da imaginação [...]”¹⁵.

Em sua teoria, Durand organizou as imagens produzidas pelo homem a partir dos estudos de Betcherev (1933) & Kostyleff (1947), da Escola Reflexológica, cujo entendimento é que há uma estreita concomitância entre os gestos corporais, os centros nervosos e as representações simbólicas. A partir das três dimensões reflexas (*schèmes*¹⁶): postural, digestiva e copulativa, que correspondem aos mais primitivos conjuntos sensorio-motores, Durand estrutura os regimes das imagens: o Regime Diurno e o Regime Noturno:

Assim é que ao reflexo de posição (ereta para o homem) correspondem as imagens de elevação, divisão, luta; ao reflexo de deglutição, equivalem as imagens de interiorização, descida, harmonização, contemplação; ao reflexo de copulação, correspondem as imagens de ciclicidade, de ritmo, de diálogo, de progresso¹⁷.

Esse reflexo postural, a posição ereta do homem corresponde ao Regime Diurno caracterizado pela divisão do universo em opostos; o reflexo de deglutição e de copulação correspondem ao Regime Noturno, que une os opostos, caracterizado pela noite que harmoniza, reconcilia e unifica.

¹⁵ TEIXEIRA, Maria Cecília S.; ARAÚJO, Alberto F. **Gilbert Durand**, p.10.

¹⁶ Schème“ é anterior à imagem, corresponde a uma tendência geral dos gestos, leva em conta as emoções e as afeições. Ele faz junção entre os gestos inconscientes e as representações”.

¹⁷ PITTA, Danielle Perin R. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2005, p. 22. (Coleção Filosofia)

Compreendemos, a partir da teoria do imaginário, que a imaginação está na base de toda criação humana, pois quando o homem cria suas imagens religiosas na interação com o cósmico, o imaginário as organiza e ao mesmo tempo equilibra o homem nesse trajeto antropológico. Visando à confluência das imagens religiosas com a Teologia Pública, discutiremos sobre a origem do termo e seus objetivos.

Uma leitura teológica da realidade

O termo Teologia Pública é atribuído ao teólogo estadunidense Martin E. Marty, ao escrever um artigo, em 1974, sobre Reinhold Niebuhr (1892-1971). Para Von Sinner, naquele artigo Niebuhr era visto como “o principal intérprete do século do comportamento social religioso americano”. Ele teria deixado um paradigma de teologia pública. “A partir dali surgiu nos EUA o discurso sobre teólogos públicos e teologia pública”¹⁸.

A Teologia Pública tem o objetivo de inserir-se nos setores públicos, como política, economia e a academia, para produzir uma teologia que alcance a sociedade de uma forma geral além da preocupação com a cidadania. No Brasil, o termo é ainda pouco usado no meio acadêmico, sendo introduzido como disciplina apenas no Instituto Humanitas da universidade jesuíta em São Leopoldo – UNISINOS, segundo nos informa Von Sinner¹⁹.

Parafraseando Gonçalves²⁰, o desafio da Teologia Pública (TP), no Brasil, é romper com barreiras confessionais e barreiras eclesiais, já que a TP pretende dialogar com todos os setores da sociedade e outros segmentos teológicos. O papel da TP é ser mais uma voz a serviço da cidadania; na academia a TP inserindo-se no mesmo *status* de outras disciplinas possibilita influenciar a universidade para proceder a uma leitura teológica da realidade.

¹⁸ VON SINNER, Rudolf. **Teologia Pública**, p. 266.

¹⁹ VON SINNER, Rudolf. **Teologia Pública**, pp. 267-268.

²⁰ GONÇALVES, Alonso. **Teologia Pública**, p. 64.

A Teologia Pública (TP) não se restringe à confissão religiosa, “mas procura construir pontes com outras confissões, religiões e ciências, bem como a sociedade mais ampla”, acredita Von Sinner. Defensor de uma Teologia Pública, Von Sinner acredita numa teologia crítico-construtiva. Ele afirma que “a teologia pública procura ser uma contribuição de comunidades religiosas e da teologia acadêmica que sobre elas reflete, crítica e auto-criticamente, para o debate público”.

Em busca da cidadania: uma análise das imagens

A cidadania constitui-se um objetivo singular para os sujeitos em situação de rua, que parece intimamente desejar o retorno a casa. A casa e a rua não são simplesmente espaços geográficos, conforme acredita DaMatta²¹, mas “categorias sociológicas”, “entidades morais”. Este sociólogo compreende que o espaço público onde os sujeitos em situação de rua moram é também uma esfera de ação social, assim como a casa. Ele segue dizendo que casa e rua “são províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas”.

No espaço da rua, este “domínio cultural institucionalizado”, a população que ali reside procura criar seus símbolos para minimizar a condição de subcidadãos. Esse espaço que desperta “emoções” e “orações” evoca no sujeito a necessidade de um encontro com o sagrado e de dizer-se religioso.

Aprofundando essa compreensão, Durkheim²² constata que “os primeiros sistemas de representações que o homem produziu no mundo e de si mesmo são de origem religiosa”. Segundo esse sociólogo, “quase todas as instituições sociais nasceram da religião”, logo, “a religião

²¹ DAMATTA, Roberto. **A Casa & a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

²² DURKHEIM, Émile. **As formas elementares de vida religiosa**, p. 496.

reflete a imagem da realidade”, sendo assim “a religião é um produto de causas sociais”.

Essa *episteme* durkheimiana propicia a compreensão das imagens tácitas da população em situação de rua em relação à sua cidadania. Logo, passaremos ao discurso de um sujeito que apresentou a trajetória casa-rua-casa. E é neste interstício que iremos desvelar as imagens por ele produzidas.

O sujeito da nossa pesquisa é do gênero masculino, tem 51 anos de idade; é divorciado, cursou até a 6ª série do ensino fundamental. Na situação de rua, procurou o CAPS (Centros de Atenção Psicossociais) e foi orientado para buscar a casa de acolhida transitória. Este sujeito se expressa muito bem, mostrou ser criativo. Quanto ao motivo de ter ido morar na rua, disse:

Eu fui morar na rua porque meu pai casou-se com outra mulher; eu não gostei dela, então a gente brigava muito e a convivência ficou difícil, então fui morar na rua próximo lá de casa; os vizinhos me davam comida. A rua pra mim era um lugar de refúgio naquele momento, mas eu tinha medo de amanhecer morto. Agora aqui na casa, acredito que a vida vai melhorar porque existe um ser superior. Eu já participei da igreja adventista, Deus é amor, reverendo Moon. Mas eu nunca tive uma experiência sobrenatural, mas acho que Deus é infinito, incolor; dono do universo, controla o vento, esquadrinha tudo, não sai nada da nossa boca que ele não saiba. Meu avô me deu uma Bíblia, mas eu lia como um livro corriqueiro.

Neste discurso bastante figurativo, percebemos a influência da religião na vida desse sujeito. Inferimos que nessas igrejas por onde ele passou, os ensinamentos proporcionaram-lhe um desvelar do sagrado, pois ele afirma “a vida vai melhorar porque existe um ser superior”. Desconfiamos que esse conhecimento o fez desejar voltar a casa, talvez interiormente ele tenha procurado a casa de acolhida porque desejava os seus direitos de cidadão.

A igreja na esfera pública pôde desempenhar seu papel quando, provavelmente, mostrou a esse sujeito que ele tinha direitos, o que provocou-lhe uma possível reflexão do seu papel como sujeito participante

e como possível agente transformador da realidade. Talvez os ensinamentos ali aprendidos evocaram-no o desejo de reinserção social.

Inferimos, assim, a Teologia Pública num diálogo com a própria instituição religiosa. Mesmo, talvez, sem apropriar-se do termo, a igreja tem desempenhado o seu papel nesse discurso mais amplo com a sociedade, quando, numa atitude filantrópica, procura refletir o papel da sociedade frente às questões públicas.

Apropriando-nos da hermenêutica simbólica durandiana, inferimos que esse sujeito eufemiza sua realidade para poder suportar essa difícil etapa de sua vida, por isso as imagens religiosas foram sendo organizadas pelo seu imaginário que revelou a busca de um lugar de aconchego, pois a casa no imaginário durandiano é o lugar de repouso; é um desejo do seio materno, da intimidade:

A casa constitui, portanto, entre o microcosmo do corpo humano e o cosmo, um microcosmo secundário, um meio-termo cuja configuração iconográfica é, por isso mesmo, muito importante no diagnóstico psicológico e psicossocial²³.

Durand quer dizer que a imagem que o indivíduo faz de sua casa reflete o seu interior, por isso o lugar que o homem escolhe para viver expressa quem ele é, qual o seu papel na sociedade e quais os seus anseios. Mas, simbolicamente, a imagem da casa nos remete ao Regime Noturno. Neste regime, a casa é sacralizada; é um ser vivente que sobredetermina a personalidade dos seus habitantes; é microcosmo “duplicado do corpo, ela vai tornar-se isomórfica do nicho, da concha, do toirão e, finalmente, do colo materno”²⁴.

O discurso do sujeito revela uma polarização não apenas noturna, mas diurna também. Quando ele diz “Deus é infinito, incolor; dono do universo, controla o vento, esquadrinha tudo, não sai nada da nossa boca que ele não saiba”, há uma imagem do Herói Solar, soberano; aquele que empunha as armas contra o mal; o herói busca a transcendência; um

²³ DURAND, G. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*, p. 243.

²⁴ DURAND, G. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*, p. 244.

encontro com o sagrado. Essa imagem conflui com o discurso amplo da Teologia Pública que deseja o diálogo com o social com fins de promover a cidadania. Esse encontro com o sagrado é uma promoção social, pois, como afirma Durkheim²⁵, “é a ação que domina a vida religiosa pelo simples fato de que ela tem por fonte a sociedade”.

“A rua pra mim era um lugar de refúgio”. Essa imagem do sujeito remete-nos mais uma vez ao discurso noturno, pois a rua que, possivelmente, é um lugar de perigos torna-se um refúgio. O Regime Noturno caracteriza-se pela eufemização; percebemos a intenção do sujeito de sublimar as dificuldades enfrentadas na rua, já que ele, antes de ir para casa, não tinha onde repousar. Por isso, em vez de ficar numa posição de combate contra a situação de rua, ele resolve aceitar sua condição e analisa a rua como um lugar secreto, onde ele encontraria a paz e o sossego perdidos na casa do pai quando se desentendera com a sua madrasta, conforme seu discurso.

Pitta²⁶ nos informa que “a estrutura sintética do imaginário vai, dessa maneira, harmonizar os contrários, mantendo entre eles uma dialética que salvasse as distinções e oposições, e propor um caminhar histórico e progressista”. Inferimos também no discurso desse sujeito uma luta contra o Cronos maléfico, que é uma imagem negativa do Regime Diurno. O Cronos que faz envelhecer e leva à morte, contra os quais o Herói Solar luta e, por isso, está sempre na posição de combate. Pitta²⁷ nos diz ainda que “as armas do herói representam potência e pureza. O combate se cerca de um caráter espiritual ou mesmo intelectual”, porque “as armas simbolizam a força de espiritualização e de sublimação [...] As imagens constelam para o cima; procura no sobre-humano da transcendência o antídoto do tempo”²⁸.

Vemos, nesta sucinta análise, de um lado, a importância do estudo do imaginário porque é ele que traz o equilíbrio à vida humana, já que o homem procura eufemizar – por meio de seus símbolos, que cria e lhes

²⁵ DURKHEIM, Émile. **As formas elementares de vida religiosa**, p. 495.

²⁶ PITTA, Danielle Perin R. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**, p. 36.

²⁷ PITTA, Danielle Perin R. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**, p. 36.

²⁸ DURAND, G. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**, p. 161.

dar um sentido –, a dura realidade do tempo e da morte. A imaginação, essa retriz que orienta um caminhar equilibrado, tem produzido imagens que promovem a transcendência. Do outro lado, vemos também a necessidade de uma Teologia Pública que suscite uma discussão política com relação à cidadania dos excluídos e da importância da igreja como espaço sagrado que promova o desvelar do sagrado interiorizado. Segundo Eliade²⁹, o homem é religioso. Eliade diz ainda que “todo espaço sagrado implica uma hierofania, uma irrupção do sagrado que tem como resultado destacar um território do meio cósmico que o envolve e o torna qualitativamente diferente”. Par ao historiador das religiões, o homem atribui sentidos aos seus símbolos, logo, qualquer coisa pode ser sacralizada, uma pedra pode ser um lugar de adoração, um lugar sagrado, como a pedra que Jacó usou com travesseiro e ali pôde ver a escada que subia ao céu e que, ao acordar, erigiu um altar chamado Betel.

Considerações finais

Chegamos às nossas considerações finais e percebemos a necessidade de priorizar uma Teologia Pública no meio acadêmico, social e político, mas ainda, dentro da própria igreja para o fomento de atitudes críticas que visem à transformação do humano para melhoria da sociedade. Vimos também que a teoria do imaginário proposta por G. Durand nos abre uma nova perspectiva frente aos desafios da sociedade atual, que é plural, secularizada e contaminada pela globalização. Essa teoria nos leva também a compreender a motivação humana de tomar as armas e lutar contra a exclusão e tudo quanto tem prejudicado a vida social, ou, pelo contrário, nos leva a abdicar das armas de combate para aceitar a nossa condição mortal. Talvez esta compreensão nos torne pessoas tolerantes e não levadas à discriminação.

Finalmente, esperamos que essa situação em que se encontra um grupo de pessoas, cujo teto é o céu, tenha uma solução que é esperada

²⁹ ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 30.

por boa parte da sociedade, embora sejamos conscientes de que serão necessárias ações mais eficazes e abrangentes que apontem para o sujeito como um todo (saúde, educação, capacitação para o trabalho, lazer); ações que contribuam para uma reinserção desses sujeitos à sociedade. Consideramos também as ações governamentais somadas às da sociedade por meio de Organizações Não Governamentais (ONGs) e, principalmente, as ações de comunidades religiosas que refletem as questões políticas e sociais do Brasil.

Referências

- ARAÚJO, Alberto Filipe, TEIXEIRA, Maria Cecília Sanches. Durand e a pedagogia do imaginário. **Letras de Hoje** – Porto Alegre, v. 44, nº 4, pp. 7-13, out./dez. 2009.
- CHIZZOTTI, Antônio. **A Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991. (Biblioteca da educação. Série 1. Escola; v. 16).
- DAMATTA, Roberto. **A Casa & a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5ª ed., Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DURAND, G. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares de vida religiosa**. 3.ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- GONÇALVES, Alonso. Teologia Pública: entre a construção e a possibilidade prática de um discurso. **Ciberteologia – Revista de Teologia & Cultura** – Ano VIII, nº 38, 201, pp. 63-76.
- PITTA, Danielle Perin R. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2005. (Coleção Filosofia).
- RIBEIRO MACIEL, Maria Helena. Ajuste Neoliberal e Exclusão Social no Brasil. **Exclusão, inclusão e diversidade**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.

TEIXEIRA, Maria Cecília S.; ARAÚJO, Alberto F. **Gilbert Durand:** imaginário e educação. Niterói: Intertexto, 2011.

VON SINNER, Rudolf. Teologia Pública. **Teologia Pública: reflexões sobre uma área de conhecimento e sua cidadania acadêmica.** São Paulo: Paulinas, 2011, pp. 264-276. (Religião na Universidade).